

Menotti del Picchia

Juca Mulato

Introdução de:

Osmar Barbosa

Com ilustrações de:

Tarsila, Mozinha e do Autor



COLEÇÃO PRESTÍGIO

EDIOURO/91388

Juca Mulato

Um livro EDIOURO é incomparável!!

Fazemos tudo que é possível para oferecer livros da mais alta qualidade.

Nosso papel é de primeira. A composição eletrônica e computadorizada garante letras sem defeito e um acabamento perfeito. O sistema de encadernação é o moderno método de "perfect-binding".

Todo este esforço é recompensado: só oferecemos livros de alto padrão por um preço mínimo.

Menotti del Picchia

Juca Mulato

Introdução

Prof. Osmar Barbosa

Com ilustrações de

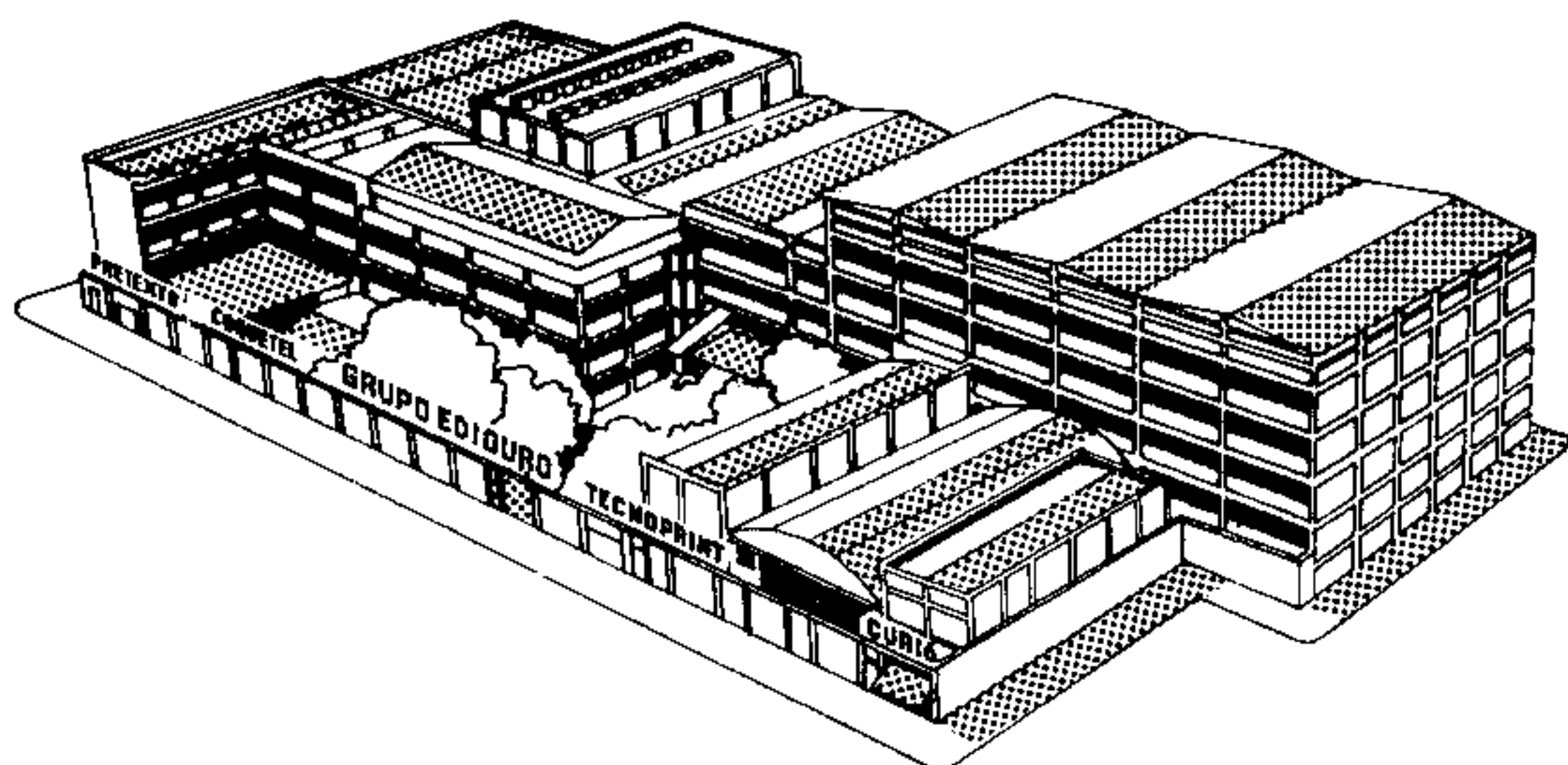
Tarsila, Mozinha e do Autor



Direitos cedidos por
Menotti del Picchia

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais

ISBN 85-00-91388-6



Grupo Ediouro
EDITORA TECNOPRINT S.A.

Introdução

Prof. Osmar Barbosa

Não foi sem razão que Humberto de Campos afirmou ser Menotti Del Picchia um dos melhores poetas e de maior renomada em todo o Brasil. Deveras, o autor de Juca Mulato, livro, que na sua estréia recebeu os mais altos elogios de toda a crítica nacional e teve logo repercussão no exterior, vem, desde a rica fase do parnasianismo à simplicidade do modernismo, revelando ao Brasil a força e a beleza de sua inspiração, todo o encanto de seus versos veemente admirados por quantos tiveram o prazer de lê-los e decorá-los.

Tal a maravilha de Juca Mulato, que o poema já foi vertido para diversos idiomas, como o espanhol, o italiano, o francês, o polonês, o húngaro e o japonês, aparecendo ainda em fragmentos em outras línguas.

Podemos dizer sem medo de errar que, depois do I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, é o poema que contém mais vibrante brasilidade de quantos hão surgido, no gênero, em nossa literatura.

Coelho Neto, fazendo a apreciação do livro na época em que foi dado ao público pela primeira vez, dirigiu ao autor estas palavras de incontido entusiasmo: “No Juca Mulato aparece-me o nacionalista cantor da terra materna e das almas irmãs. No seu poema de mestiço sente-se que se abrem as cores da alvorada da arte brasileira, com o clarão do nosso sol, com os perfumes das nossas flores, o murmúrio das nossas águas, o chilreado dos nossos pássaros. É com poemas tais que havemos de romper caminho no mundo e não com arremedos franceses e tafularias de acarreto.”

O próprio autor, que já escreveu numerosos livros, considera ser o Juca Mulato a obra mais meritória de toda a sua vida.

Escrito no calmo e bucólico ambiente de uma fazenda paulista, “na paz e no silêncio do parque que se debruça sobre o Cubatão”, conforme revelação do autor, pôs ele na palpitante obra todo o calor de sua alma lírica e todo o seu devotamento pelas coisas do campo. Voltou-se o poeta para o matuto em seu singelo ambiente, idealizou os encantos da filha da patroa, a paixão que atormentaria o pobre Juca, antes tão alegre com o seu Pigarço, o cavalo que o acompanhava nas façanhas e nas aventuras, seu manso confidente, pôs em todo o poema as cores do cenário campestre, humanizou as coisas, divinizou a Natureza e tomou coloquial e divina a fala do humilde roceiro. Este é o fascinante poema que entemece e entusiasma a quantos que o leiam, como o fez ver Júlio Dantas, o elegante escritor português, habituado a um ambiente em que predominava o requinte da moda, no seu comentário, após a leitura de tão suave e encantadora poesia, quando veraneava na aprazível Nice: “...eu próprio, endurecido no ofício de escrever, senti, ao ler os seus versos, que os olhos se me enevoavam e umedeciam de lágrimas.”

Que mais se poderia dizer sobre o imortal poema de Menotti Del Picchia?

*
* *



Menotti del Picchia, auto-retrato

*
* *

Biografia de um Poema Pelo Autor

Juca Mulato nasceu em Itapira, cidade da zona mogiana do Estado de S. Paulo. Em 1917.

Seu pai, recém-formado em Direito e fazendeiro nessa cidade, acabara de publicar na Capital paulista seu poema Moisés. Exercia agora uma vaga advocacia numa terra quase sem demandas e dirigia o jornal local, Cidade de Itapira, em cujos prelos imprimiu o primeiro exemplar do seu poema.

Foi no ambiente da fazenda Santa Catarina da Capoeira do Meio e na paz e no silêncio do parque que se debruça sobre o Cubatão, bairro no qual serpeja o Rio da Penha em cujas margens bivacavam ciganos, que a imagem do Caboclo do Mato e sua alma lírica empolgaram o advogado-poeta.

E a Filha da Patroa?

Essa, ainda hoje, nascerá no coração de cada leitor do poema quando haja atingido a idade do amor. É uma idéia e um sonho. Continuará a lembrar, vida afora, a criatura que teria sido o complemento do seu ser, realização sempre sonhada e impossível de um perfeito amor ideal.

Compõem o poema o Céu e a Terra. Todas as coisas telúricas e celestes, o chão que abriga o homem e o alimenta e o que há no mistério do azul quando ele olha para as estrelas. Ali descobre uma nova e mágica dimensão do universo. Os animais, como o prudente e confiante Pigarço e os lerdos bois pensativos e decorativos; o galo, clarim do dia, que ilumina as coisas para a vida e oferece as maravilhas do mundo ao homem que acorda.

A fala do “Juca” é coloquial e divina. Sai da boca do homem e vem da conexão mágica que ele tem com as

coisas. E que o universo é um eterno diálogo de vozes mudas. No seu êxtase lírico, o poeta as escuta. Cabe-lhe comunicá-las às demais criaturas. Ele é o intérprete da formidável comunhão espiritual que nos envolve numa harmoniosa coesão de vivências e mistérios regida pela fatalidade dessa divina força que é o amor.

“...Che muove il sole e l’altre stelle...”

História do Poema Pelo Editor

O primeiro exemplar do poema foi composto e impresso nos prelos do semanário Cidade de Itapira. A capa dessa edição, hoje tão rara, foi ideada pelo autor. O dono da gráfica, Rodolfo Paladini, já falecido, que “guardava numa linda caixa de jacarandá os originais do Juca Mulato”, segundo uma carta que enviou ao autor em fevereiro de 1942, declara: — “De quando em quando, ao contemplar o original do Juca Mulato tenho a idéia de que a colaboração por mim prestada para entregar ao público aqueles lindos versos foi a obra mais meritória da minha vida.” — Como, porém, o autor não destinava essa edição à venda, dela foram tirados apenas 500 exemplares dos quais, lamenta-se Paladini, “não sobrou nenhum para mim”. — Nem para o autor. Paladini legou os originais a Jacomo Mandato, poeta itapirense que coleta tudo o que se refira ao poema e os destina ao Museu de Itapira que está erigindo no Parque Municipal que hoje se denomina “Parque Juca Mulato” e no qual se ergue a herma do poeta.

Tão tímida e humilde origem não pressagiava a expansão nacional e internacional do poema. Num fluxo contínuo as edições foram se multiplicando.

Das edições especiais, duas se distinguem pelo seu valor artístico, ambas muito raras: a da Confraria dos Bibliógrafos Brasileiros, de 1947, “Cattleya Alba”, ilustrada e colorida por Martha Paulowna Schindrovitz, volume encadernado em seda e couro. A edição comemorativa do jubileu literário do autor, (outubro de 1959), capa de Portinari e três ilustrações feitas por três grandes artistas, companheiros do autor na “Semana de Arte Moderna”: Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Tarsila Amaral.

Desta famosa pintora reproduzimos nesta edição um seu desenho.

Quanto às múltiplas traduções do poema — embora o autor ache a poesia intraduzível pois ela vive quase substancialmente da sua contextura verbal, notadamente um poema que tem sua essencialidade lírica no espírito da língua e nalguns dos seus típicos modismos —, as traduções castelhanas e italianas, pela sua afinidade lingüística com o português, parecem ao autor excelentes. Assim a versão espanhola, da grande poetisa cubana Emilia Bernal, editada pela Academia de Letras de Havana e a italiana, do Professor A. D. Leoni, da Universidade de São Paulo, conservam o sabor quase original do texto brasileiro.

O poema foi também vertido para o italiano pelo notável jornalista Imperatori; para o polonês, por Michel Rusinek; para o japonês, por Tomeso Sato; para o húngaro, por Antoni Olcha e Jan Szczawiej. Em fragmentos, ainda em outras línguas.

Nesta edição damos, na capa, o Juca Mulato num desenho de Tarsila, duas ilustrações de já consagrada artista primitivista Mosinha e a reprodução de uma xilografia do autor.

Juca Mulato

*
* *

Germinal



Juca Mulato cisma.

1

Nuvens voam pelo ar como bandos de garças.
Artista boêmio, o sol, mescla na cordilheira pinceladas
de ouro fosco. Num mastro apruma-se a bandeira
de S. João desfraldando o seu alvo losango.

Juca Mulato cisma. A sonolência vence-o.

Vem na tarde que expira e na voz de um curiango
o narcótico do ar parado, esse veneno
que há no ventre da treva e na alma do silêncio.

Um sorriso ilumina o seu rosto moreno.

No piquete relincha um poldro; um galo álaque
tatala a asa triunfal, ergue a crista de lacre,
clarina a recolher entre varas de cerdos
mexem-se ruivos bois processionais e lerdos
e num magote escuro a manada se abisma
na treva.

Anoiteceu.

Juca Mulato cisma.

Como se sente bem recostado no chão!
Ele é como uma pedra, é como a correnteza,
uma coisa qualquer dentro da natureza
amalgamada ao mesmo anseio, ao mesmo amplexo
a esse desejo de viver grande e complexo
que tudo abarca numa força de coesão.

Compreende em tudo ambições novas e felizes,
tem desejo até de rebrotar raízes, deitar ramas
[pelo ar,
sorver, junto da planta, e sobre a mesma leiva,
o mesmo anseio de subir a mesma seiva,
romper em brotos florescer, frutificar!

“Que delícia viver! Sentir entre os protervos
renovos se escoar uma seiva alma e viva
na tenra carne a remoçar o corpo moço...”

E um prazer bestial lhe encrespa a carne e os nervos,
afla a narina, o peito arqueja, uma lasciva
onda de sangue lhe incha as veias do pescoço...

Ei-lo supino e só na noite vasta. Um cheiro
acre, de feno, lhe entorpece o corpo languido e no torso
[trigueiro

enroscam seus anéis serpentes de desejos
e um pubescente ansiar de abraços e de beijos
incendeia-lhe a pele e estua-lhe no sangue.

Juca Mulato cisma.

Escuta a voz em coro
dos batráquios no açude, os gritos soluçantes
do eterno amor dos charcos.

É ágil como um poltro e forte como um touro,
no equilíbrio viril dos seus membros possantes
há audácias de coluna e a elegância dos barcos.
O crescente, recurvo a treva, em trilhos frange,
e, na carne da noite imerge-se e se abisma
Como, num peito etíope a ponta de um alfanje.
Juca Mulato cisma...

A natureza cisma.

Aflora-lhe no imo um sonho que braceja;
 estira o braço; enrija os músculos, boceja,
 supino fita o céu e diz em voz submissa:
 “Que tens, Juca Mulato?...” e, reboleado na erva,
 sentindo esse cansaço irritante que o enerva,
 deixa-se, mudo e só, quebrado de preguiça.

Cansado ele? E por quê? Não fora essa jornada
 a mesma luta, palmo a palmo, com a enxada
 a suster no café as invasões da aninga?

E, como de costume, um cálice de pinga,
 um cigarro de palha, uma jantinha à-toa,
 um olhar dirigido à filha da patroa?

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...

Uns alqueires de chão, o cabo de uma enxada,
 um cavalo pigarço, uma pinga da boa,
 o cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente

o olhar indiferente,
 da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto,
 tem a noite lunar arrepios de susto,
 parece respirar a fronde de um arbusto,
 o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
 Tudo cria uma vida espiritual, violenta.

O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...

“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à-toa,
 e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...

Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça,
 presente-o em cada moita, enxerga-o em cada poça,
 e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente
 esse olhar que passou longínquo e indiferente!

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce
e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
que a alma é como uma planta, os sonhos como
brotos,
vão rebentando nela e se abrindo em floradas...
Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das
queimadas

Mal se pode conter de inquieto e satisfeito.
Adivinha que tem qualquer coisa no peito
e, às promessas do amor, a alma escancara ansiado
como os áureos portais de um palácio encantado!...

Mas a mágoa que ronda a alegria de perto
entra no coração sempre que o encontra aberto...

Juca Mulato sofre... Esse olhar calmo e doce
fulgiu-lhe como a luz, como luz apagou-se.
Feliz até então tinha a alma adormecida...
Esse olhar que o fitou o acordou para a vida!
A luz que nele viu deu-lhe a dor que ora o assombra
como o sol que traz a luz e, depois, deixa a sombra...

E, na noite estival, arrepiadas, as plantas tinham na negra fronde umas roucas gargantas bradando, sob o luar opalino, de chofre:
“Sofre, Juca Mulato, é tua sina, sofre...
Fechar ao mal de amor nossa alma adormecida é dormir sem sonhar, é viver sem ter vida...
Ter a um sonho de amor o coração sujeito é o mesmo que cravar uma faca no peito.
Esta vida é um punhal com dois gumes fatais: não amar, é sofrer; amar, é sofrer mais!”

E, despertando à Vida esse caboclo rude,
alma cheia de abrolhos,
notou na imensa dor de que se desilude
que, desse olhar que amou, fugitivo e sereno,
só lhe restara ao lábio um trago de veneno,
uma chaga no peito e lágrimas nos olhos!

*
* *

A Serenata

*
* *

— Canta, Juca Mulato...

Ele pega na viola;
o seu dedo nervoso os machetes esfrola.
Solta um gemido triste o aço teso vibrado,
como o grito de dor de um peito esfaqueado.
É tão suave a canção, tão dolente e tão langue
que cada nota lembra uma gota de sangue
a fluir e a pingar dos lábios de uma chaga.
É noite. A brisa sopra uma carícia vaga.

A turba atenta espera. O terreiro tem brilhos
quando, de chapa, a lua esplende nos ladrilhos
e, sentindo a paixão estuar-lhe na garganta

Juca Mulato canta:

“Veio coleante, essa mágoa
arrastas triste e submisso;
também choro, veio d’água,
sem que ninguém dê por isso...

Saltas nos seixos de chofre.
Choras... No mundo inclemente,
só não chora quem não sofre,
só não sofre quem não sente...

Procuras, dentre os abrolhos,
ver o céu que astros povoaram.
Eu também procuro uns olhos,
que nunca me procuraram...

Os céus não vêem tua mágoa,
nem estas ela adivinha...
Veio d’água, veio d’água,
tua sorte é igual à minha.

Ora em bolhas vãs tu medras,
eu em sonhos bem mesquinhos.
Teu leito é cheio de pedras,
Minha alma é cheia de espinhos...

Se uma rama se desfolha
sobre o teu dorso e resvala,
corres doido atrás da folha
sem poder nunca alcançá-la.

Às vezes, também, risonho,
um sonho minh'alma junca.
Corro doido atrás do sonho
sem poder tocá-lo nunca.

Ventura... Doida corrida
de uma folha sobre um veio.
Folha... Esperança perdida
de um bem que nunca me veio.

Assim vou, sangrando mágoa
e doido, para onde for,
veio d'água, veio d'água,
corro atrás da minha dor!"

Alma Alheia

*
* *

“Que tens, Juca Mulato?”

Uma tristeza mansa
embaça-lhe o fulgor dos olhos de criança.
Ele é outro... Um langor anda a abrasar-lhe a pele.
Não sabe definir o que de novo há nele,
Fuma e segue pelo ar uma espiral que esvoaça
pensa que seu destino é igual a essa fumaça...
“A vida é mesmo assim...” ele cisma tristonho.
“Sai do fogo da dor a fumaça do sonho”...

Da cachoeira, um nitrir, de intervalo a intervalo,
vibra no ar... É o pigarço. Esse pobre cavalo
anda esquecido e há muito tempo que, sozinho,
sente a falta que faz o calor de um carinho.
Juca Mulato todo o dia vinha vê-lo...
Aflagava-lhe o dorso, acamava-lhe o pêlo,
e ele, baixando, quieto, as pálpebras vermelhas,
nitrindo e resfolegando, espetava as orelhas...
Juca Mulato, então, numa voz doce e calma
dizia-lhe baixinho o que ele tinha n'alma.
Coisa de pouca monta: umas fanfarronadas,
uns receios pueris, façanhas de caçadas,
desafios na viola em noites de luar,
coisas que tinha pejo até de lhe contar,
que sussurrava a custo, onde, por entre os dentes,
a gente adivinhava umas frases ardentes:
bocas mordendo um seio em que os bicos quentinhos
tinham a cor da rosa e a ponta dos espinhos...
Ele ria e a risada espocava-lhe aos pinchos
e o pigarço sisudo explodia uns relinchos
que diriam, talvez, traduzidos em frases:
“Toma tento, Mulato! Olha bem o que fazes...”
Juca afagando-o, então, murmurava contente:
“Pigarço, você tem uma alma como a gente!”

* * *

Hoje anda abandonado e pesa-lhe o abandono.
Há no seu manso olhar saudades de seu dono.
Quem não vê nesse olhar úmido e cor de enxofre,
que esse cavalo sofre?

Vê uma ave voar na tarde calma e suave,
Vem-lhe o desejo absurdo e doido de ser ave.
Quando junto a uma fonte acaso se debruça
se a corrente soluça, ele também soluça...
Depois, envergonhado, encolhe-se, procura
no seu imo o porquê dessa vaga ternura.
Até, vendo uma flor, comove-se, suspira...
“Juca: toma cuidado... Estás ficando gira...
Deixa de te arrastar como um doido qualquer
atrás da tentação de uns olhos de mulher!”

E resolve consigo ir altivo insolente
fingir que não padece e mostrar que não sente,
montar o seu pigarço, atacar a restinga
às foiçadas, beber um cálice de pinga
na venda do caminho e, entre parvos caipiras,
de mistura, contar três ou quatro mentiras,
onde lampeja a faca; onde, aos uivos e aos brados
põe em fuga, triunfante, um bando de soldados!

Revive na ilusão! Ele é outro! Salvou-se!
Insidioso, de novo, um olhar meigo e doce
o alucina, o subjuga, o domina, o amolece...

E nem sabe por quê, humilhado, obedece
à sugestão da luz que cintila naquele
lânguido e triste olhar, que nunca olhou para ele.

*
* *

Fascinação



Tudo ama!
As estrelas no azul, os insetos na lama,
a luz, a treva, o céu, a terra, tudo,
num tumultuoso amor, num amor quieto e mudo,
tudo ama! tudo ama!

Há amor na alucinada
fascinação do abismo,
amor paradoxal humano e forte
que se traduz nas febres do sadismo,
nessa atração perpétua para o Nada,
nessa corrida doida para a Morte.

Por isso quando as lianas
em lascívias florais cercam de abraços
o tronco hirsuto e grosso,
têm, no amplexo mortal, crueldades humanas.
Há no erótico ardor de enlaçá-lo, abraçá-lo,
a assassina violência de dois braços
crispados num pescoço,
atenazando-o para estrangulá-lo!

É que o amor quer a morte. Num momento
resume a vida, os loucos entusiasmos
dos supremos espasmos...
Nesse furor que o invade,
tem a volúpia da ferocidade,
tem o delírio do aniquilamento!

É por isso que sempre vês, por tudo,
uma luta de morte, um desespero mudo:
a insídia da raiz que mina a terra e esgota,
o caule que ergue o fuste, a rama, em sobressalto,
agitando pelo ar a própria dor ignota
no torturante amor do mais puro e mais alto!

E, na noite estival,
enchendo o Espaço e o Tempo, a Luz e a Treva,
o turbilhão fantástico se eleva,
do Amor Universal.

Tudo ama!

As estrelas no azul, os insetos na lama,
a luz, a treva, o céu, a terra, tudo,
num tumultuoso amor, num amor quieto e mudo,
tudo ama! Tudo ama!...

Juca Mulato freme. Imerge os olhos entre
as estrelas curiosas.
Não sabe que anda o amor nos espaços profundos
a fecundar o ventre
das próprias nebulosas
na eterna gestação de novos mundos...

Ele é a matriz da vida, multiplica
seres e coisas numa força eterna;
cria o verme, animais que andam de rastros.
Mata e ressurge, estiola e frutifica,
e, pelo espaço rútilo governa
a prodigiosa rotação dos astros!

E a vertigem do amor, fascinadora,
tudo arrasta, fantástica, nos braços;
e a terra que palpita, canta e chora,
ora imersa na treva, ora imersa na aurora,
leva através do Tempo e dos Espaços...

Acendendo no olhar um lampejo divino,
Juca Mulato cede à vertigem que o enlaça,
e brada num transporte:

“Arrasta-me, também, no turbilhão que passa!
Leva-me ao teu destino,
Amor que vens da Vida e que vais para a Morte!”

*
* *

Lamentações

*
* *

“Amor?

Receios, desejos,
promessas de paraísos.
Depois sonhos, depois risos,
depois beijos!

Depois...

E depois, amada?
Depois dores, sem remédio,
depois pranto, depois tédio,
depois... nada!”

“Também como esse bosque eu tive outrora
na alma um bosque cerrado de emoções.
As palmeiras das minhas ilusões
iam levando o fuste espaço afora.

Floriam sonhos, era uma pletora
de crenças, de desejos, de ambições...
Não havia por todos os sertões
mais luxuriante e mais violenta flora.

Ai! bosque real é o tempo das queimadas!...
É agosto, é agosto! o fogo arde o que existe
em turbilhões sinistros e medonhos.

Ai de nós!... Somos almas desgraçadas,
pois, na luz de um olhar lânguido e triste
também ardeu o bosque dos meus sonhos...”

“Água cantante, soluçante, esse gemente marulho triste quantas tristes cismas traz...
E fica incerta ao ouvir-te a voz a dor da gente se vais cantando por ansiar o que há na frente ou soluçando pelo que deixaste atrás...

“Água cantante, água estuante, é singular a semelhança em que te iguala à minha sorte: vais para a frente e nunca mais hás de voltar, vens da montanha e vais correndo para o mar, venho da vida e vou correndo para a morte.

Água cantante, ai, como tu, esta alma embrenho nas incertezas de caminhos que não sei...
E, na inconstância em que me agito, só obtenho esta ânsia imensa de deixar o que já tenho, depois a dor de não ter mais o que deixei!”

“Tenho uma santa em casa, o seu olhar encanta.
O olhar dela é, porém, igualzinho ao da santa.

Quando rezo nem sei à dúbia luz da vela
se me dirijo à santa ou me dirijo a ela.

Esse olhar que, de meigo, é como o olhar da corça,
tem, na própria fraqueza, a sua própria força.

Quando o fito a minha alma enche-se da incerteza
que há na canoa sem dono à flor da correnteza.

Ele é tal qual o sol que indiferente e mudo
sem saber quem aclara anda aclarando tudo...

Mas no olhar que o fitou brilha, constantemente,
um reflexo de luz ambicionada e ausente.

Eu nunca vi o mar, mas vendo esse olhar penso
num barco que se afasta, onde se agita um lenço...

Ou no doido terror que, em meio de procelas,
há um casco sem leme ou num barco sem velas...

Creio ver o meu vulto em teus olhos tão vago
como as sombras que espelha a água morta de um lago.

Eu bem sei que, tal qual na líquida planície,
o meu vulto não vai além da superfície.

Fica à tona, a boiar nessa pupila absorta
como na água parada alguma folha morta...”

“Pigarço: a dor me aquebranta...
Quando lembro o olhar que adoro
e que nunca esquecerei,
ai! sinto um nó na garganta
e choro, Pigarço, choro,
eu que até chorar não sei...

Quando, a trote, ela nos via,
debruçada na janela,
nós levávamos, após,
com o pó que do chão se erguia,
o nosso olhar cheio dela
e o dela cheio de nós...

Então, pouco me importava
que seu olhar nos seguisse...
Galopava-se a valer...
Quando esse olhar eu olhava,
era como se o não visse,
tanto o olhava sem o ver!

Hoje pago essa ousadia...
Ela os olhos de mim tolhe.
Queixar-me disso por quê?
Antes era eu que a não via
Agora, por mais que me olhe,
é ela quem não me vê.

Sou um caboclo do mato
que ronda a luz de uma estrela...
Já viste uma coisa assim?
E o pobre Juca Mulato
morrerá por causa dela
e tu, por causa de mim...

Eu da luz desse olhar garço,
tu, da dor que te machuca
morreremos e, depois,
eu fico sem meu pigarço,
meu pigarço sem seu Juca,
e o olhar dela... sem nós dois!”

*
* *

Presságios



Juca Mulato sofre. Em cismas se aquebranta.

Uma viola geme, uma voz triste canta:

“Antes de amar eu dizia:

“Para cortar na raiz
esta constante agonia,
preciso amar algum dia,
amando serei feliz.”

“Amei... Desventura minha!

Quis curar-me e piorei.

O amor só mágoas continha
e, aos tormentos que eu já tinha
novos tormentos juntei!”

A cantiga, a gemer, nos ecos agoniza.

A vaga sugestão dessa angústia imprecisa
contamina-lhe a dor que o tortura sem pausa.
Juca sofre... Por quê? Não adivinha a causa.
Só sabe, que, em seu peito, o olhar amado e langue
deixa um rasto de luz como um rasto de sangue...

Tornou-o, pouco a pouco, a imensa dor que o oprime,
pálido como a cera e magro como um vime.
Tem olheiras cercando os grandes olhos lassos
cor do manto que traz Nosso Senhor dos Passos
quando carrega a cruz na procissão das Dores,
no mais tristonho andor de todos os andores...

Mas por que sofre assim? Talvez mesmo ande nisso
artimanhas do Demo e coisas de feitiço...
Precisa sem demora, ir uma sexta-feira,
à tapera do Roque, abrir sua alma inteira,
contar-lhe o mal que sofre e do peito arrancar
essa mágoa, essa luz, esse amor, esse olhar!

A Mandinga

*
* *

Juca mulato apeia.

É macabro o pardieiro.

Junto à porta cochila o negro feiticeiro.

A pele molambenta o esqueleto disfarça.

Há uma faísca má nessa pupila garça,
quieta, dormente, como as águas estagnadas.

Fuma: a fumaça o envolve em curvas baforadas.

Cuspinha; coça a perna onde a sarna esfarinha
a pele; pachorrento inda uma vez cuspinha.

Com o seu sinistro olhar o feiticeiro mede-o.

— Olha, Roque, você me vai dar um remédio.
Eu quero me curar do mal que me atormenta.

— Tenho ramos de arruda, urtigas, água benta,
uma infusão que cura a espinhela e a maleita,
figas para evitar tudo que é coisa-feita...

Com uma agulha e um cabelo, enroscado a capricho,
à mulher sem amor faço criar rabicho.

Olho um rastro, depois de rezar um bocado
vou direitinho atrás do cavalo roubado.

Com umas ervas que sei, eu faço, de repente,
do caçara mais mole um caboclo valente!

Dize, Juca Mulato, o mal que te tortura.

— Roque, eu mesmo não sei se este mal tem cura...

— Sei rezas com que venço a qualquer mau olhado;
breves para deixar todo o corpo fechado.

Não há faca que o vare e nem ponta de espinho;
fica o corpo tal qual o corpo do Dioguinho...

Mas de onde vem o mal que tanto te abateu?

— Ele vem de um olhar que nunca será meu...

Como está para o sol a luz morta da estrela,
a luz do próprio sol está para o olhar dela...

Parece o seu fulgor, quando o fito direito,
uma faca que alguém enterra no meu peito,
veneno que se bebe em rútilos cristais,
e, sabendo que mata, eu quero beber mais...

— Eu já compreendo o mal que teu peito povoa.
De quem é esse olhar?

— Da filha da patroa.

— Juca Mulato! Esquece o olhar inatingível!
Não há cura, ai de ti! para o amor impossível.
Arranco a lepra ao corpo; estirpo da alma o tédio;
só para o mal de amor nunca encontrei remédio...
Como querer possuir o límpido olhar dela?
Tu és tal qual um sapo a querer uma estrela...
A peçonha da cobra eu curo... Quem souber
cure o veneno que há no olhar de uma mulher!
Vencendo o teu amor, tu vences teu tormento.
Isso conseguirás só pelo esquecimento.
Esquecer um amor dói tanto que parece
que a gente vai matando um filho que estremece
ouvindo, com terror, no peito, este estribilho:
“Tu não sabes, cruel, que matas o teu filho?”
E, quando se estrangula, aos seus gemidos loucos,
a gente quer que viva... e vai matando aos poucos!
Foge! Arrasta contigo essa tortura imensa,
que o remédio é pior do que a própria doença,
pois, para se curar um amor tal qual esse...

— Que me resta fazer?

— Juca Mulato: esquece!

A Voz das Coisas



E Juca ouviu a voz das coisas. Era um brado:
“Queres tu nos deixar, filho desnaturado?”

E um cedro o escarneceu: “Tu não sabes, perverso,
que foi de um galho meu que fizeram teu berço?”

E a torrente que ia rolar para o abismo:
“Juca, fui eu quem deu a água do teu batismo”.

Uma estrela, a fulgir, disse da etérea altura:
“Fui eu que iluminei a tua choça escura
no dia em que nasceste. Eras franzino e doente.
E teu pai te abraçou chorando de contente...
— Será doutor! — a mãe disse, e teu pai, sensato:
— Nosso filho será um caboclo do mato,
forte como a peroba e livre como o vento! —
Desde então foste nosso e, desde esse momento, nós
te amamos, seguindo o teu incerto trilho,
com carinhos de mãe que defende seu filho!”

Juca olhou a floresta: os ramos, nos espaços,
pareciam querer apertá-lo entre os braços:

“Filho da mata, vem! Não fomos nós, ó Juca,
o arco do teu bodoque, as grades da arapuca,
o varejão do barco e essa lenha sequinha
que de noite estalou no fogo da cozinha?
Depois, homem já feito, a tua mão ansiada
não fez, de um galho tosco, um cabo para a enxada?”

“Não vás” — lhe disse o azul. “Os meus astros ideais
num forasteiro céu tu nunca os verás mais.
Hostis, ao teu olhar, estrelas ignoradas
hão de relampejar como pontas de espadas.
Suas irmãs daqui, em vão, ansiosas, logo,
irão te procurar com seus olhos de fogo...
Calcula, agora, a dor destas pobres estrelas
correndo atrás de quem anda fugindo delas...”

Juca olhou para a terra e a terra muda e fria
pela voz do silêncio ela também dizia:
“Juca Mulato, és meu! Não fujas que eu te sigo...
Onde estejam teus pés, eu estarei contigo..
Tudo é nada, ilusão! Por sobre toda a esfera
há uma cova que se abre, há meu ventre que espera...
Nesse ventre há uma noite escura e ilimitada,
e nela o mesmo sono e nele o mesmo nada.

Por isso o que vale ir fugitivo e a esmo
buscar a mesma dor que trazes em ti mesmo?
Tu queres esquecer? Não fujas ao tormento...
Só por meio da dor se alcança o esquecimento.
Não vás. Aqui serão teus dias mais serenos,
que, na terra natal, a própria dor dói menos...
E fica, que é melhor morrer (ai, bem sei eu!)
no pedaço de chão em que a gente nasceu!”

Ressurreição

*
* *

1

“Coqueiro! Eu te compreendo o sonho inatingível;
queres subir ao céu mas prende-te a raiz...
O destino que tens de querer o impossível,
é igual a este meu de querer ser feliz.

Por mais que bebas seiva e que as forças recolhas,
que os verdes braços teus ergas aos céus risonhos
no último esforço vão caem-te murchas as folhas
[e a mim, murchos, os sonhos!

Ai! coqueiro do mato! Ai! coqueiro do mato!
Em vão tentas os céus escalar na investida...
Tua sorte é tal qual a de Juca Mulato.
Ai! tu sempre serás um coqueiro do mato...
Ai! eu sempre serei infeliz nesta vida!”

“Ser feliz! Ser feliz estava em mim, Senhora...
Este sonho que ergui o poderia pôr
onde quisesse, longe até da minha dor,
em um lugar qualquer onde a ventura mora;
onde, quando a buscase o encontrasse a toda hora,
tivesse-o em minhas mãos... Mas, louco sonhador,
eu coloquei muito alto o meu sonho de amor...
Guardei-o em vosso olhar e me arrependo agora.
O homem foi sempre assim... Em sua ingenuidade
teme levar consigo o próprio sonho, a esmo,
e oculta-o sem saber se depois o achará...
E, quando vai buscar sua felicidade,
ele, que poderia encontrá-la em si mesmo,
escondeu-a tão bem que nem sabe onde está!”

E Mulato parou.

Do alto daquela serra
cismando o seu olhar era vago e tristonho:
“Se minha alma surgiu para a glória do sonho
o meu braço nasceu para a faina da terra.”

Reviu o cafezal, as plantas alinhadas,
todo o heróico labor que se agita na empreita,
palpitou na esperança imensa das floradas,
pressentiu a fartura enorme da colheita...

Consolou-se depois: “O Senhor jamais erra...
Vai! Esquece a emoção que na alma tumultua.
Juca Mulato! volta outra vez para a terra,
procura o teu amor numa alma irmã da tua.

Esquece calmo e forte. O destino que impera,
um recíproco amor às almas todas deu.
Em vez de desejar o olhar que te exaspera,
procura esse outro olhar que te espreita e te espera
que há por certo um olhar que espera pelo teu...”

FIM DO POEMA

*
* *

Opiniões Sobre o Poema

*
* *

A Presença de Juca Mulato nos Cinquenta Anos Decorridos Desde Sua Publicação

(Algumas opiniões sobre o poema ao aparecimento da sua primeira edição, em 1917, por alguns críticos e expoentes da velha geração)

Quando, há pouco, concedi a mim próprio alguns dias de isolamento e de repouso no Monte Estoril, fiz-me acompanhar dos últimos livros de versos que tive a honra de receber dos meus ilustres camaradas do Rio e de São Paulo. Não podia desejar melhor companhia.

Em frente do mar, nessa pequena Nice dourada onde encontro sempre, além doutras muitas, a suprema beleza do silêncio, foi-me dado o prazer de admirar alguns poetas brasileiros, dum parnasianismo ardente e paradoxal — mármore e sangue, bronze e nervos — e, entre eles, um que, não se limitando a encantar o meu espírito, abalou a minha sensibilidade e comeveu profundamente o meu coração. Quero referir-me a Menotti del Picchia, forte, saboroso e original poeta paulistano, cujo nome eu não conhecia ainda, que é de certo muito novo, e cuja obra Juca Mulato, poesia de quarenta páginas apenas, acaba de revelar um artista de raça, eloqüente, sóbrio, às vezes lapidar nos conceitos, pintando com uma largueza e uma justeza de valores surpreendentes, e possuindo tão excepcionais dotes de comunicativa emoção, que eu próprio, endurecido no ofício de escrever, senti, ao ler os seus versos, que os olhos se me enevoavam e umedeciam de lágrimas.

Consegurei eu, em dois rápidos traços dar-lhes a impressão do poema de Menotti del Picchia?

Juca Mulato é um caboclo, “forte como a peroba e livre como o vento”, torso trigueiro, narina aflante, a agilidade dum poldro, a robustez dum touro, espécie de Hércules do mato, que passa, entre cafezais verdeengos e açucenais em flor, a cavalo no seu Pigarço como uma figura de bronze, o chapeirão na cabeça, a garrucha à cinta, um cigarro de palha a arder na boca. O seu corpo rítmico e forte tem “audácias de colunas e elegâncias de barco” quando do alto da montanha ataca a restinga às foiçadas, ou quando, de pé, em pleno cafezal, a enxada a lampejar-lhe nas mãos, sustém, sob o ouro oleoso do sol, entre enxames de moscões silvestres, a invasão mordente da aninga. Ri, em todo ele, a alegria bárbara da força. Resplandece-lhe nos olhos a alma sagrada das florestas. Todo ele esplende, todo ele canta, titã negro e pacífico, ouvindo coaxar os sapos, escachoar nos açudes o rebojo das águas, mugir ao longe as manadas ruias e processionais dos bois. Vive no êxtase da natureza. Juca Mulato é feliz. Um dia, porém, a filha da patroa, cujas ancas musicais lembram o vôo das garças, olha-o, por acaso, num olhar mais demorado e mais quente. Do pobre caboclo, a natureza selvagem e virginal, que vivera dormindo acorda, de repente, para a ofuscante, para a dolorosa revelação do amor. Todo o mistério do seu instinto desperta.

Todo o seu corpo estremece, na carícia do sol, como um tronco rebentando em flores. A filha da patroa! “Vamos, Juca Mulato, estás doido?”

E Juca, deslumbrado, aterrado, espantado de si próprio, olhando ao longe o capinzal em chamas, ouvindo o grito trágico do curiango, torcendo nas mãos convulsas o relho áspero de couro, chora, treme, soluça e canta — vê em tudo, adivinha em tudo, no céu e na terra, na floresta e nas águas, no ar morno que o envolve, no aroma suave que o perturba, no arrepio quase humano dos bamburrais dourados, ondulando ao vento, o mesmo olhar, o mesmo sorriso, o mesmo perfume, a mesma mulher, expressão inatingível da volúpia eterna, da graça dominadora, do amor imortal. Toda a écloga do sertão se enche da dor do mísero caboclo. A mata sombria chora por ele as lágrimas das folhas. As rochas

formidáveis abrem, em pranto, os seus olhos d'água cristalina. É o gênio triste da raça que soluça na ingênua paixão de Juca Mulato. É a dolorosa, a ardente ternura brasileira que canta na sua voz. O caboclo quer ser ave, e fonte, e rocha, e floresta, e tempestade. A viola geme-lhe nas mãos. Abraça-se ao pigarço, ao seu cavalo de orelhas fitas e de pálpebras vermelhas, seu único, seu fiel amigo, e conversa com ele, e chora com ele, e afaga-o, e conta-lhe — em que maravilhosos versos! — a dor cruciante, a dor sagrada que se sofre amando:

Pigarço: a dor me aquebranta...
Quando lembro o olhar que adoro
e que nunca esquecerei,
ai! sinto um nó na garganta
e choro, pigarço, choro!
eu que até chorar não sei...

Quando, a trote, ela nos via,
debruçada na janela,
nós levávamos, após,
com o pó que do chão se erguia,
o nosso olhar cheio dela
e o dela cheio de nós...

Então, pouco me importava
que seu olhar nos seguisse...
Galopava-se a valer...
Quando esse olhar eu olhava,
era como se o não visse
tanto o olhava sem o ver!

Hoje pago essa ousadia...
Ela os olhos de mim tolhe.
Queixar-me disso por quê?
Antes era eu que a não via.
Agora, por mais que me olhe,
é ela quem não me vê...

Sou um caboclo do mato
que ronda a luz de uma estrela...
Já viste uma coisa assim?
E o pobre Juca Mulato
morrerá por causa dela
e tu por causa de mim...

Mas na obstinação desse amor inconsciente, desse lampejo divino, dessa vertigem de infinito, dessa fascinação, dessa volúpia que ele próprio sente “que vem da Vida e que vai para a Morte” — Juca Mulato, o egipã mestiço da floresta, vislumbra um rasto de mandinga, uma centelha de inferno. Ata à cintura a garrucha, deita mão do relho estralejante, derruba o chapeirão sobre os olhos, monta a cavalo, e ele aí vai, numa sexta-feira, à hora em que o poente é uma crosta de ouro em brasa, pedir ao bruxo Roque, negro e sinistro, o remédio para o seu mal. O feiticeiro olha-o com as pupilas garças e imóveis como charcos d’água imunda, ouve-o, perscruta-o, adivinha-o, compreende-o — e aí do pobre caboclo do mato! — diz-lhe que sabe arrancar a lepra do corpo, mas nunca achou remédio para o mal de amor; que cura a peçonha da cobra, mas que nada pode contra o veneno sutil do olhar de uma mulher. Juca Mulato, esquece! Mas Juca só poderá esquecer, fugindo. Abraça-se aos troncos hirsutos que o viram nascer, beija o ventre da terra que o gerou, pensa na fuga ou na morte. É então que a alma das coisas, que o gênio da floresta, que a voz profética do silêncio fala a esse “Peer Gynt” caboclo: “Queres tu nos deixar, filho desnaturado?” Um cedro soluça olhando para ele: “Foi de um galho meu que fizeram o teu berço!” A torrente diz-lhe jorrando: “Fui eu, Juca, que dei a água do teu batismo!” A floresta inteira prende-o, enleia-o, reclama-o, ergue-o, na exaltação da força e da vida: — “Nós somos a lenha que te aquece! Somos nós o cabo da tua enxada, o arco do teu bodoque, a grade da tua arapuca, o varejão do teu barco! Juca, nós somos a tua alma, e na terra natal, a própria dor dói menos!” Juca Mulato, do alto da montanha, erecto no cavalo como um deus de bronze, olha o cafezal verde, as plantas alinhadas, sente o bafo momo e dionisíaco da terra, vê todo o labor da empreitada, as enxadas faiscando ao sol, o céu em chamas, a vida em germinação e pouco a pouco, resignado, tranqüilo — volta, ressurgue, vive, esquece.

Eis o admirável pequeno poema de Menotti del Picchia.

JÚLIO DANTAS

No Primeiro de Janeiro, Portugal, Lisboa, 1917.

* * *

No Juca Mulato aparece-me o nacionalista cantor da terra materna e das almas irmãs. No seu poema do mestiço sente-se que se abrem as cores da alvorada da arte brasileira, com o clarão do nosso sol, com os perfumes das nossas flores, o murmúrio das nossas águas, o chilreado dos nossos pássaros. É com poemas tais que havemos de romper caminho no mundo e não com arremedos franceses e tafularias de acarreto.

COELHO NETO

* * *

Li seu Juca Mulato de um trago como se bebe sôfrego a água de um córrego colhida de arrepio numa folha de taioba. Seus versos deram-me uma pausa de frescura e de sentimento na estrada do meu caminho. Como se houve de longe o barulho da corrente que nos desaterrou, ainda me cantam na memória muitos deles. De alguns não me passará a lembrança.

AFRÂNIO PEIXOTO

* * *

Poesia magnífica é a sua, meu caro, e admirável Poeta, é a deste seu livro, que da primeira à última página comoveu-me pela sua beleza em pura arte que tão bem combina força, exuberância e simplicidade.

O sentimento de *Juca Mulato*, humano na sua intensidade e resignação cabocla, tem a expressão viva e cabal que só pode dar uma imaginação como a sua, de vigoroso colorido brasileiro, mas afinada por um módulo de música antiga e eterna.

MÁRIO DE ALENCAR

* * *

Menotti espanta, Menotti confunde, Menotti desorienta... Seu *Juca Mulato* é o maior poema lírico do regionalismo moderno.

CARLOS CHIACCHIO

* * *

Menotti del Picchia é um dos melhores poetas e de maior nomeada em todo o Brasil.

HUMBERTO DE CAMPOS

Em 1967, Opinião de um Jovem Crítico Situando o Poema em Face das Novas Gerações

Juca Mulato, cinquentenário, é o poema do mestiço brasileiro, aquele que, no dizer de Euclides da Cunha, é antes de tudo um forte. E sua força vem-lhe de origem; é produto e parte da natureza:

*Como se sente bem recostado no chão!
Ele é como uma pedra, é como a correnteza,
uma coisa qualquer dentro da natureza
amalgamada ao mesmo anseio, ao mesmo amplexo
a esse desejo de viver grande e complexo,
que tudo abarca numa força de coesão.*

Enquanto os jagunços de Canudos triunfam sobre o meio e sobre o homem, a vitória de Juca Mulato é suprema porque é sobre si mesmo. O poema de Menotti del Picchia, de inspiração romântica, quebra a forma parnasiana e extravasa-se em ritmos modernos. Uma dimensão universal — o amor — e outra local — a natureza — encontram-se e medem-se. O amor nasce do sonho e de sonho não passará:

*Nuvens voam pelo ar como bandos de garças.
Artista boêmio, o sol, mescla na cordilheira
[pinceladas esparsas
de ouro fosco. Num mastro, apruma-se a
[bandeira
de S. João, desfraldando o seu alvo losango.
Juca Mulato cisma. A sonolência vence-o.
Vem na tarde que expira e na voz de um
[curiango*

*o narcótico do ar parado, esse veneno
que há no ventre da treva e na alma do silêncio.
Um sorriso ilumina o seu rosto moreno.
No piquete relincha um poldro; um galo álaçre
tatala a asa triunfal, ergue a crista de lacre,
clarina a recolher entre varas de cerdos,
mexem-se ruivos bois processionais e lerdos
e, num magote escuro, a manada se abisma
na treva.*

Anoiteceu.

Juca Mulato cisma.

As nuvens que voam pelo ar como bandos de garças dissipam as fronteiras da realidade e abrem os páramos do sonho. A natureza pára e o escritor esboça uma aquarela; *voam* (as nuvens), *mescla* (o sol), *apruma-se* (a bandeira) *cisma* (Juca Mulato), *vence* (a sonolência), *expira* (a tarde), *ilumina* (um sorriso), *relincha* (um poldro) *tatala* (um galo). Os verbos expressam um comportamento aparentemente presente, mas não há tempo, porque o tempo parou. Como obteve o poeta esse efeito de ação retardada? Pelo metro longo e solene — alexandrino — pelo vocabulário em que se mesclam: a) substantivos como: *nuvens*, *bandos*, *cordilheira*, *pinceladas*, *sonolência*, *narcótico*, *silêncio*, *sorriso*, *varas*, *magote*, *manada*; b) adjetivos como: *boêmio*, *esparsas*, *fosco*, *alvo*, *parado*, *processionais*, *lerdos*; c) verbos como: *voam*, *mescla*, *apruma-se*, *desfraldando*, *cisma*, *expira*, *tatala*, *abisma-se*. Conjugando esses elementos que lhe proporciona a língua portuguesa, o artista estruturou-os em versos e figuras:

“Nuvens voam pelo ar como bandos de garças”

“o narcótico do ar parado, esse veneno
que há no ventre da treva e na alma do silêncio”

“mexem-se ruivos bois processionais e lerdos”

Juca Mulato:

“É ágil como um poldro e forte como um touro;
no equilíbrio viril dos seus membros possantes
há audácias de coluna e a elegância dos barcos.”

A sexualidade assim sugerida — *coluna*, *barcos* — explode como a vida em cada canto da floresta. A energia indomada tem um destino, pois a natureza nada desperdiça. O olhar da filha da patroa...

*Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;
pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada
[poça;
e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
esse olhar que passou, longínquo e indiferente!*

A seleção do vocabulário e a força de inspiração possibilitam a Menotti del Picchia traduzir os sentimentos do caboclo em linguagem clássica. O tratamento temático é brasilizante, mas a linguagem é lidimamente portuguesa. Mesmo quando o Mulato canta ele o faz em português de lei:

*Veio coleante, essa mágoa!
arrastas triste e submisso;
também choro, veio d'água,
sem que ninguém dê por isso...
Saltas nos seixos de chofre.
Choras... No mundo inclemente,
só não chora quem não sofre,
só não sofre quem não sente...
Procuras, dentre os abrolhos,
ver o céu que astros povoaram.
Eu também procuro uns olhos,
que nunca me procuraram...*

Se cantasse com a autenticidade dos trovadores de Catulo da Paixão Cearense, sua dor não seria menor, mas a expressão sentida não se somaria à tradição literária e lingüística. E o autor procurou atribuir a um tipo nacional traços de caráter que o universalizassem. E só com a língua padrão, fundamentada na tradição clássica, poderia satisfatoriamente fazê-lo.

O amor fascina...

*Juca Mulato freme. Imerge os olhos entre
as estrelas curiosas.
Não sabe que anda o amor, nos espaços profundos,
das próprias nebulosas
na eterna gestação de novos mundos...*

Juca Mulato tem por confidente o cavalo:

*Pigarço: a dor me aquebranta...
Quando lembro o olhar que adoro
e que nunca esquecerei,
ai! sinto um nó na garganta,
e choro, Pigarço, choro,
eu que até chorar não sei...*

Admirável o encontro entre o apaixonado Mulato e o negro Roque. Nele retrata-se a confiança popular em mezinhas sobrenaturais. Mas o feiticeiro Roque, fazedor de prodígios, não tem cura para o amor impossível. “Quem souber cure o veneno que há no olhar de uma mulher!” Só resta ao Mulato — esquecer, mas esquecer um amor é tão doloroso quanto matar um filho estreme-cido... Partir — fugir. Mas à hora da decisão o mundo em que viveu lhe fala e ele ouve a voz das coisas. Impossível partir. Ele está em tudo e tudo está nele. É preferível morrer “no pedaço de chão em que a gente nasceu”.

Ao contato com a terra que lhe fala, Juca Mulato, qual novo Anteu, ressurgue. É sereno e calmo e forte — esquece, pois em alguma parte há outro olhar gêmeo do seu.

Este poema hoje desperta a mesma emoção que em 1917. Veio o modernismo de que o autor, aliás, foi um dos mentores, e outros exaltaram o silvícola e o africano. Mas o mestiço brasileiro, o homem que nasceu da miscigenação de tantos povos e que se impôs à rude natureza, este é o protagonista desta saga de amor. De um amor que não chegou a ser, de um sonho tropical, em que as paixões estuam, refreadas, no entanto, por uma vontade incomum.

JAIRO DIAS DE CARVALHO

No Jornal do Comércio, do Rio, em 1967.

**Em 1967, Convocada a Câmara
dos Deputados
Federais Para Celebrar o
Cinqüentenário do Juca Mulato
na Sessão de 25 de Outubro da
qual Foi-lhe Dedicado o Grande
Expediente, Após a Oração do
Deputado Cunha Bueno, Assim
se Manifestaram Alguns
Deputados Presentes:**

No momento em que se promove nesta Casa homenagem pelo transcurso do cinqüentenário do lançamento do poema *Juca Mulato*, do vibrante poeta Menotti del Picchia, junto aos vossos os meus louvores. Passados cinqüenta anos sobre a obra-prima de Menotti del Picchia, quem quer que aguce o ouvido ouvirá, ainda hoje, como sempre, o cantar ou o chorar da viola de Juca Mulato cantor da alma e do sentimento brasileiros.

DEPUTADO JOÃO HERCULANO

* * *

Menotti del Picchia, embora nascido em S. Paulo, mais do que um poeta nacional é um poeta que hoje pertence ao mundo. *Juca Mulato* é um poema que deve ser lido e relido pois tem a ressonância de tudo aquilo que nasce dentro da alma e do coração humanos.

DEPUTADO ANTONIO BRESOLIN

Quero trazer também a Menotti del Picchia minha homenagem a esse grande poeta brasileiro e dizer, também, que ele não é somente um homem de sentimento, um poeta que engrandece a arte brasileira; é, também, um homem de pensamento.

DEPUTADO ALDE SAMPAIO

* * *

Estamos cultuando a inteligência, a cultura, o belo, a harmonia, tudo o que se apresenta através de Menotti del Picchia, da sua poesia, do seu pensamento, da sua atuação, da sua vida.

DEPUTADO FLORES SOARES

* * *

Além de poeta, autor de *Juca Mulato* e de outros de igual popularidade como *As Máscaras*, Menotti é homem de combate, um homem de luta e precursor do nacionalismo puro em nosso país.

DEPUTADO ISRAEL NOVAES

* * *

Se Cassiano Ricardo é o poeta do País, Menotti del Picchia, é o poeta da Raça.

DEPUTADO PLÍNIO SALGADO

COLEÇÃO PRESTÍGIO

Juca Mulato



Menotti del Picchia

Com este pequeno-grande poema, Menotti del Picchia revelou-se um cantor enamorado da alma nacional. Cantou uma história de amor obstinado e impossível, em versos impregnados de imenso lirismo, criando expressões poéticas do mais requintado bom gosto. As qualidades estéticas de Juca Mulato transformaram este poema em um dos valores eternos da literatura brasileira.

Os livros de bolso da Ediouro são publicados a preços acessíveis e formatos convenientes. Além de leves e portáteis cabem no bolso de um paletó ou na bolsa de uma mulher.

ISBN 85-00-91388-6



Capa: Juca Mulato na concepção de Tarsila do Amaral, detalhe